

Analizando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua sem-*tense*

Lorena Figueiredo*
Guilherme Lourenço**

Resumo

Diferentes aspectos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) têm sido investigados a partir de abordagens descritivas e/ou teóricas. Esses trabalhos têm contribuído para uma maior compreensão dos mecanismos gramaticais empregados por essa língua, com destaque para estudos nas áreas da morfologia e da sintaxe. Neste trabalho, realizamos um estudo da interface sintaxe-semântica, ao investigarmos a noção de tempo em Libras, a partir de uma abordagem formal, utilizando-se da terminologia da Gramática Gerativa. Assim, apresentamos uma proposta de análise da Libras como uma língua sem-*tense*. Em outras palavras, argumentamos que as noções de tempo em Libras não são codificadas por meio da categoria gramatical *tense*, mas sim por meio de outras estratégias. Com base em Lin (2012), nós demonstramos que a Libras exibe propriedades morfossintáticas semelhantes àquelas encontradas em outras línguas sem-*tense*, como o chinês, a saber: i) verbo sem morfologia de *tense* e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo; ii) passado não marcado gramaticalmente no verbo; iii) futuro marcado por auxiliar; iv) presença de predicados nominais nus; v) ausência de sujeito expletivo; vi) ausência de distinção morfológica entre finito e não finito; vii) ausência de movimento motivado por caso; viii) interpretação de referência temporal baseada em aspecto.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais. Libras. *Tense*. Língua sem-*tense*. Tempo.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Linguística Teórica e Descritiva. ORCID: 0000-0001-8206-7185..

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Linguística Teórica e Descritiva e Professor Adjunto na Faculdade de Letras da UFMG. ORCID: 0000-0002-4272-1282.

An analysis of Brazilian Sign Language as a tenseless language

Abstract

Different aspects of the grammar of Brazilian Sign Language (Libras) has been investigated within descriptive and/or theoretical approaches. These investigations have contributed to a better understanding of its grammatical operations, especially the morphological and syntactic ones. In this paper, we concentrate on the syntax-semantics interface, and discuss the notion of time in Libras, assuming a formal approach and the terminology from the Generative Syntax. Thus, we propose that Libras is as a tenseless language. In other words, we claim that notions of time in Libras are not codified in terms of the grammatical category tense, but by means of different grammatical strategies. Assuming Lin (2012), we demonstrate that Libras exhibit similar morphosyntactic properties to those found in tenseless languages, such as Chinese, to wit: i) verbs are not marked for tense and temporal expressions or time adverbs are optional; ii) past is not grammatically encoded in the verb; iii) future is marked by an auxiliary; iv) existence of bare noun predicates; v) lack of expletive subjects; vi) no morphological distinction between finite and non-finite forms; vii) movement is not Case-motivated; viii) temporal interpretation can be aspect-based.

Keywords: Brazilian Sign Language. Libras. Tense. Tenselessness. Time.

Recebido em: 29/04/2020

Aceito em: 24/07/2020

Introdução

A capacidade de expressar noções e relações temporais parece ser uma propriedade comum a todas as línguas humanas naturais. Afirmar isso não significa, contudo, que todas as línguas o fazem da mesma maneira. Se, por um lado, o estabelecimento de relações temporais é possivelmente um universal linguístico, os mecanismos gramaticais utilizados pelas diferentes línguas ao redor do mundo para fazê-lo, certamente, não são os mesmos.

Uma das possibilidades encontradas em diferentes línguas é o que chamamos de *tense*.¹ *Tense* pode ser entendido como uma categoria morfológica que integra o sistema gramatical de uma determinada língua e que faz a ancoragem do evento em um ponto específico do tempo, em relação ao momento da enunciação. (COMRIE, 1985; JESPERSEN, 1933; VELUPILLAI, 2012). Mesmo dentre as línguas que possuem *tense* codificado em suas gramáticas, encontramos diferenças em como se dá a realização morfo(fono)lógica dessa categoria.

Tense pode ser codificado por meio de morfologia sintética, como no caso do português brasileiro, ilustrado em (1); ou ainda por morfologia analítica, como é observado no Rapanui, no exemplo fornecido em (2). Formas supletivas também podem ser utilizadas como indicadores de *tense* — *go/went*, do inglês (3) — e até mesmo tom, como no Shimakonde (4).

(1) Português Brasileiro:

Eu	cant- ei .
1SG	cantar-PASS.PFV.IND.1SG.

¹ De modo a evitar confusões terminológicas e conceituais, adotaremos, neste artigo, o termo *tense* não traduzido para o português.

gramatical de *tense*, mas mesmo assim expressam tempo tão precisamente quanto aquelas que os possuem”.² (LIN, 2012, p. 669). Um exemplo clássico de língua sem-*tense* é o chinês, que será discutido com mais detalhes na seção 3. Isso evidencia que tempo e *tense* são categorias distintas.³

A categoria gramatical *tense* tem sido analisada a partir de diferentes quadros teóricos e a partir da interface entre morfologia, sintaxe e semântica. Esses estudos não se limitam apenas às línguas orais. A marcação de *tense* também tem sido analisada em diferentes línguas sinalizadas ao redor do mundo, tais como as línguas de sinais americana (AARONS *et al.*, 1995; FRIEDMAN, 1975; JACOBOWITZ; STOKOE, 1988; NEIDLE *et al.*, 2000; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006), italiana (ZUCCHI, 2009), irlandesa (LEESON, 1996), turca (GÖKGÖZ, 2009; KARABÜKLÜ, 2016; 2018; ZESHAN, 2003), mexicana (FRIDMAN-MINTZ, 2005), sueca (BERGMAN; DAHL, 1994), britânica (SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999), israelense (MEIR, 1999) e também a Libras (BERTUCCI; FINAU, 2018; FINAU, 2004; SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016).

Neste artigo, apresentamos uma análise alternativa sobre a marcação de *tense* na Língua Brasileira de Sinais (Libras), adotando como quadro teórico a Gramática Gerativa e estudos formais da interface sintaxe-semântica. Argumentaremos, a partir de testes sintático-semânticos, que a Libras é uma língua sem-*tense* que apresenta características bastante parecidas com o chinês e com outras línguas sem-*tense*. Nesse sentido, o estabelecimento de referência temporal em Libras não é

² Todas as traduções para o português de citações diretas apresentadas ao longo do texto foram efetuadas pelos autores deste trabalho.

³ Hewson (2012, p. 508) chama a atenção para o fato de que frequentemente há uma confusão entre esses dois conceitos. Na literatura linguística em língua portuguesa, essa confusão parece ser ainda mais recorrente, devido ao fato de muitos autores utilizarem a palavra “tempo” para se referir aos dois conceitos.

marcado por meio de morfologia específica de *tense*, mas, sim, principalmente, pelo uso de advérbios de tempo e de outras expressões temporais.

Este texto está organizado em cinco seções. Na seção 1, aberta por esta introdução, apresentamos brevemente o conceito de *tense* e delineamos nosso tema de pesquisa. A seção 2 destina-se a apresentar um breve panorama dos trabalhos que discutem a marcação de *tense* em línguas de sinais. Em seguida, na seção 3, apresentamos alguns dados do chinês que ilustram características morfossintático-semânticas encontradas em línguas sem-*tense* e, na seção 4, delineamos nossa análise para a Libras. Por fim, a seção 5 conclui este artigo com algumas considerações finais.

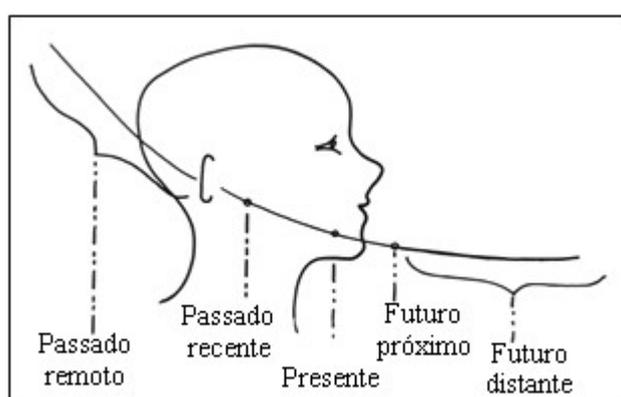
2 *Tense* nas línguas de sinais

Assim como línguas orais implementam diferentes mecanismos gramaticais para localizar eventos na linha do tempo cronológico, línguas de sinais também o fazem. Da mesma maneira, essa ancoragem de eventos pode se dar por meio de *tense* morfológico ou não. No que diz respeito a *tense*, é possível encontrarmos diferentes análises teóricas para diferentes línguas sinalizadas, argumentando se essas línguas possuem ou não *tense* e até mesmo se *Tense Phrase* (TP) seria uma projeção funcional presente na estrutura sintática.

As primeiras descrições sobre marcação de referência temporal foram feitas para a Língua Americana de Sinais (ASL) ainda na década de 1970. Frishberg e Gough (1973) e Friedman (1975) afirmam que a ASL possui uma espécie de “linha do tempo” (do inglês *timeline*). Essa linha do tempo é proposta a partir de sinais que denotam relações temporais e cuja localização

(e/ou direção do movimento) está associada a diferentes regiões do espaço, no plano médio-sagital:⁴ passado remoto e recente, atrás do corpo; presente, junto ao corpo; e futuro próximo e distante, à frente do corpo (FIG. 1).

Figura 1 - Linha do tempo em ASL



Fonte: Frishberg e Gough (1973, p. 123).

Na década de 80, Jacobowitz e Stokoe (1988) se posicionaram contra as propostas de classificação da ASL (e de outras línguas de sinais) como *sem-tense*, pois, para eles, esse tipo de análise estava diretamente associada ao fato de as pessoas ainda não considerarem as línguas de sinais tão completas e complexas quanto as línguas orais. Os autores afirmam que a marcação de *tense* em ASL também não está relacionada à linha do tempo descrita por Frishberg e Gough (1973) e Friedman (1975), já que ela é, na verdade, “um construto mental criado em uma tentativa de se descrever uma língua que não é expressa de modo sonoro” (JACOBOWITZ; STOKOE, 1988, p. 333).

⁴ O plano médio-sagital estende-se vertical e perpendicularmente em relação ao corpo do sinalizante.

Dessa forma, Jacobowitz e Stokoe (1988, p. 337) propõem que a marcação de tempo em ASL é feita a partir do tipo de movimento realizado pelas juntas (pulso, cotovelo e ombro), de modo que movimentos de flexão das juntas estão relacionados à marcação de passado e movimentos de extensão seriam uma maneira de codificar o futuro. O presente seria uma forma não marcada na língua.⁵

Aarons e outros (1995) e Neidle e outros (2000) também classificam a ASL como uma língua de *tense*. Segundo os autores, tempo pode ser marcado por meio de advérbios temporais ou marcadores lexicais de *tense*. A diferença entre esses dois elementos é sintática: advérbios temporais são adjungidos à estrutura enquanto marcadores lexicais de *tense* ocupam o núcleo da projeção TP. Adicionalmente, Neidle e outros observam que nem sempre marcadores de *tense* estão presentes nas sentenças em ASL e que o *tense* presente não possui um marcador morfológico específico. (NEIDLE *et al.*, 2000, p. 81).⁶ O fato de que esses chamados marcadores de *tense* são, de certa maneira, opcionais em ASL motivou análises que afirmam que essa língua é, na verdade, uma língua sem-*tense*.

Friedman (1975, p. 951) afirma que, em ASL, “não há afixos flexionais nos verbos para indicar *tense*. [...] Ao se referir ao tempo presente, passado ou futuro em relação ao ato de fala, o uso de advérbios de tempo serve para marcar o ‘*tense*’ da sentença”. É interessante observar que, ao longo de toda sua argumentação, Friedman lança mão do termo *tense* entre aspas, de modo a questionar se esses advérbios realmente seriam uma estratégia de marcação de *tense* na língua.

⁵ Infelizmente, o artigo de Jacobowitz e Stokoe (1988) não apresenta imagens ou ilustrações que exemplifiquem o sistema de marcação de *tense* proposto pelos autores. Assim, nossa apreciação do modelo é bastante limitada.

⁶ Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 313) também classificam a ASL como uma língua de *tense*, defendendo que a categoria funcional TP não exige material morfológico aparente na forma fonética.

Outra língua sinalizada que possui análises divergentes quanto à marcação de *tense* é a Língua de Sinais Turca (TİD). As propostas de análise da língua como sendo de *tense* apresentam estratégias de referência temporal semelhantes às apresentadas para a ASL, como o uso de advérbios temporais e o uso da linha do tempo (ZESHAN, 2003). Há, ainda, a análise de Gökgöz (2009), que aponta um marcador gramatical para realizar *tense* em TİD, uma expressão não manual: o aceno de cabeça (do inglês *head-nod*).⁷

Há, contudo, autores que, como Karabüklü (2016), propõem uma análise distinta em relação à marcação gramatical de *tense* em TİD. Com base em Arik (2012) e Dikyuva, Makaroğlu e Arik (2015), que “reportam que a TİD não tem flexão verbal para *tense*” (KARABÜKLÜ, 2016, p. 88), a autora testou a percepção temporal de sinalizadores nativos para sentenças em TİD, a partir das estratégias pontuadas pela literatura até então: advérbios temporais, linha do tempo e aceno de cabeça. A partir de seu estudo, Karabüklü (2016; 2018) observou que tais estratégias estabelecem relações temporais, contudo não são marcações gramaticais de *tense*, concluindo, assim, que a TİD é uma língua sem-*tense*.

Nas pesquisas em Libras, tal divergência se mantém. Ferreira-Brito (1995) propõe a primeira discussão sobre o estabelecimento de referência temporal em Libras. Segundo a autora, “o tempo é expresso através de locativos temporais, manifestando entre si relações espaciais” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 48). Apesar de não explicitar sobre a marcação gramatical de *tense* na língua, ao afirmar que a Libras faz uso de locativos temporais, Ferreira-Brito se aproxima de análises que consideram línguas de sinais como línguas sem-*tense*.

⁷ Em sua análise para a ASL, Grose (2003) também aponta o aceno de cabeça como marcador de *tense* na língua. Segundo o autor, essa articulação não manual distingue *tenses* simples de *tenses* perfectivos. (GROSE, 2003, p. 51).

Finau (2004) também observa que em Libras esses locativos temporais, que a autora chama de advérbios e expressões temporais, são responsáveis pela interpretação temporal das sentenças. Contudo, ao propor a existência de um conjunto de “operadores”, além de modulações no movimento do verbo, que seriam tipos de flexões verbais, nos termos de Felipe (1998), a autora se aproxima de uma análise da Libras como uma língua de *tense*: “A temporalidade é denotada por operadores específicos e por advérbios e expressões temporais. A direção dos movimentos para trás e/ou para baixo e para frente e/ou para cima é determinante para estabelecer as noções, respectivamente, de passado e futuro.” (FINAU, 2004, p. 131).

Poderíamos, então, entender esses operadores e essas marcas flexionais como sendo realizações morfológicas de *tense* na língua. Por fim, Finau descreve o sistema de referência temporal⁸ na Libras da seguinte maneira:

A investigação da referência temporal/aspectual, na LIBRAS, considerou que informações sobre essas categorias são expressadas, indiretamente, na estrutura linguística e, assim, presumidas por *default*. Isso porque se notou que o tempo pode ser denotado, nessa língua, por operadores temporais específicos, pela flexão semântica dada pelo *aktionsart* dos verbos, e por implicaturas conversacionais generalizadas. (FINAU, 2004, p. 223).

Mais recentemente, Bertucci e Finau (2018), ao descreverem o que eles chamam de presente-perfeito em Libras, parecem assumir que a Libras possui efetivamente *tense*, conforme os próprios autores afirmam na introdução de seu texto: “Vamos

⁸ Acreditamos também que a dificuldade de analisar o sistema proposto por Finau (2004) se dá devido ao fato de a autora não fazer uma distinção fina entre tempo e aspecto, referindo-se frequentemente a essas categorias como “tempo/aspecto”, além da confusão entre tempo e tempo (*tense*) comum em textos sobre o assunto escritos em língua portuguesa.

assumir, para este trabalho, que o presente perfeito seja um tempo verbal (no sentido de *tense*, em inglês) com leituras específicas.” (BERTUCCI; FINAU, 2018, p. 72).⁹

Por fim, Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) argumentam que a Libras é uma língua de *tense* e que apresenta um sistema tripartite de referência temporal: passado, presente e futuro. As autoras afirmam que *tense* pode ser marcado com operadores temporais como os sinais PASSADO, HOJE/AGORA, FUTURO e IR OU V-A-I, ou com itens lexicais como os sinais ONTEM, AMANHÃ, DOMINGO PRÓXIMO, entre outros, ou na raiz semântica do próprio verbo que associa aspecto a traços funcionais específicos, que marcam se o evento é expresso como completo ou incompleto. (SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016, p. 179-180).

No que diz respeito ao estabelecimento de referência temporal em línguas de sinais, vimos até agora que figuram como estratégias recorrentes: i) o uso de linha do tempo; ii) o emprego de expressões temporais e advérbios de tempo; e iii) para alguns autores, há ainda, morfologia de *tense*, que pode ser realizada na flexão do verbo, modificando-se o movimento, ou na utilização de expressões não manuais, sendo que esta não seria obrigatória, o que resulta na constante discussão sobre o real estatuto desses marcadores.

Há, também, análises de que a Língua de Sinais Italiana (ZUCCHI, 2009) e a Língua de Sinais Mexicana (FRIDMAN-MINTZ, 2005) são línguas que marcam *tense* e que a Língua de Sinais Irlandesa é uma língua sem-*tense* (LEESON, 1996).

Todas as propostas aqui citadas estão organizadas no

⁹ Mais à frente, os autores parecem manter a análise de que a interpretação de referência temporal em Libras se dá a partir de uma relação entre tempo-aspecto-pragmática, já que afirmam que, sem o contexto, “uma mesma sentença poderia disparar leituras [temporais] distintas”. (BERTUCCI; FINAU, 2018, p. 88). Esse comportamento, porém, parece-nos ser pouco consistente com a afirmação anterior de que “o presente perfeito seja um tempo verbal (no sentido de *tense*, em inglês) com leituras específicas” em Libras. (BERTUCCI; FINAU, 2018, p. 72).

Quadro 1, que sintetiza as análises semelhantes para a marcação (ou não) de *tense* nas línguas sinalizadas.

Quadro 1 - Quadro-síntese de análises para *tense* em línguas de sinais

<i>Línguas de sinais</i>	<i>Língua de tense</i>	<i>Língua sem-tense</i>
<i>ASL</i>	<i>Jacobowitz e Stokoe (1988)</i> <i>Aarons et al. (1995)</i> <i>Neidle et al. (2000)</i> <i>Sandler e Lillo-Martin (2006)</i>	<i>Friedman (1975)</i>
<i>TİD</i>	<i>Gökgöz (2009)</i>	<i>Karabüklü (2018)</i>
<i>Libras</i>	<i>Finau (2004)</i> <i>Bertucci e Finau (2018)</i> <i>Silva e Lessa-de-Oliveira (2016)</i>	<i>Ferreira-Brito (1995)</i>
<i>LIS</i>	<i>Zucchi (2006)</i>	
<i>LSM</i>	<i>Fridman-Mintz (2005)</i>	
<i>ISL</i>		<i>Leeson (1996)</i>

Fonte: Figueiredo (2020, p. 93)

Conforme podemos observar, análises diferentes competem sobre o fato de *tense* ser ou não ser marcado nas línguas de sinais. Contudo, Pfau, Steinbach e Woll (2012) e Velupillai (2012) apontam que a ausência de *tense* gramatical nas línguas de sinais parece ser um universal.

Antes de passarmos para a nossa análise da Libras, discutiremos, na próxima seção, algumas propriedades do chinês que têm sido apontadas como características de línguas sem-*tense*. Essas características serão importantes para nosso argumento de que a Libras também é uma língua sem-*tense*.

3 Chinês: uma língua sem-*tense*

O chinês é um clássico exemplo citado nos debates acerca da ausência de *tense* nas línguas. Embora alguns estudiosos discordem da classificação dessa língua como sem-*tense*, preferindo a classificação do chinês como *tense* nulo,¹⁰ Lin (2012) apresenta evidências que argumentam a favor de uma análise sem-*tense*.

Segundo Lin,

raízes verbais no chinês não são obrigatoriamente flexionadas para pessoa, número, gênero, *tense* ou aspecto e não necessitam coocorrer com marcadores temporais, aspectuais ou modais, mas elas expressam locações temporais tão precisas quanto os verbos flexionados em *tense* do inglês o fazem. (LIN, 2012, p. 671).

Dessa maneira, o autor indica que a utilização de qualquer um dos recursos citados, como marcadores aspectuais ou modais, não são recursos que compõem a marcação de *tense* na língua.

A referência do tempo presente é expressa na língua por um verbo não marcado, que pode ou não estar acompanhado de advérbio/expressão temporal, como é o caso de (5) e (6):

- (5) Zhāngsān (**jintiān**) hěn máng. (LIN, 2012, p. 672)
Zhangsan (**hoje**) muito ocupado

¹⁰ Uma língua de *tense* nulo (do inglês *null-tense*) é aquela que apresenta a categoria gramatical *Tense*, sendo essa preenchida por um morfema inaudível. Desse modo, ainda que na PF (*Phonological Form*) esse não se manifeste, na LF (*Logical Form*) tal morfema será representado. Lin (2012, seq. 7.2) discute essa abordagem para o chinês, com base na proposta de Matthewson (2006) para a língua st'at'imcets. Em seu trabalho, Matthewson (2006) assume que a análise para o st'at'imcets enquanto uma língua sem-*tense* é apenas superficial, pois essa pode ser classificada como *tense* nulo.

“Zhangsan está ocupado (hoje).”

- (6) Wǒ (**měi tiān/chángcháng**) mànpǎo.
Eu (**todo dia/frequentemente**) correr
“Eu corro (todo dia/frequentemente).”

Em (5), a sentença estativa apresenta a referência de tempo presente, sendo a presença do advérbio temporal facultativa. De modo semelhante, em (6), o advérbio temporal também é opcional e o verbo de atividade, não marcado, apresenta uma leitura de presente habitual/genérico.

A referência do tempo passado também não utiliza nenhum morfema distintivo que o codifique e pode ser realizada de diferentes maneiras, conforme os exemplos a seguir:

- (7) Lǐsì **dǎpò** huāpíng. (LIN, 2012,
p. 673)
Lisi **quebrar** vaso
“Lisi quebrou o vaso.”

- (8) Lǐsì **zuótiān** dǎpò
huāpíng.
Lisi **ontem** quebrar
vaso
“Lisi quebrou o vaso ontem.”

- (9) Lǐsì dǎpò-**le** huāpíng.
Lisi quebrar-ASP vaso
“Lisi quebrou o vaso.”

Em (7), há um verbo não marcado, *dǎpò*, que apresenta leitura de passado em função de sua classificação como verbo de *achievement*. Outra estratégia utilizada é a presença de um advérbio temporal que expresse passado, como “ontem”, em (8), além da marcação aspectual, como ocorre no exemplo (9).

A referência ao tempo futuro, no chinês, utiliza, dentre outras estratégias, o auxiliar modal *huì* (que é semelhante ao *will* do inglês). Em alguns contextos, ele será obrigatório, como em (10):

- (10) Míngtiān *(**huì**) xiàyǔ. (LIN, 2012,
p. 674)
Amanhã **huì** chover
“Amanhã vai chover.”

Nesse exemplo, o autor justifica semanticamente a obrigatoriedade de *huì*, já que a sentença é uma “declaração sobre o estado de coisas que acontecerão em um tempo subsequente ao tempo presente”. (LIN, 2012, p. 674). Contudo, segundo Lin (2012, p. 674), “nem toda sentença com referência ao tempo futuro contém o morfema *huì*”,¹¹ sendo agramatical em alguns contextos, como é o caso de (11),¹² e ainda há contextos em que o morfema é opcional, conforme o exemplo (12):

- (11) Huǒchē sān diǎn *(**huì**) kāi. (LIN, 2012,
p. 675)
Trem três horas **huì** sair
“O trem sai às três horas.”

¹¹ Além de *huì*, o chinês também utiliza outras expressões que denotam futuro, como *jiāng* e *yào*, o que demonstra que *huì* não é um marcador fixo para denotar futuro.

¹² A diferença semântica entre (8) e (9) impacta a obrigatoriedade ou não de *huì*, uma vez que “o último é um evento agendado ou planejado, com uma pequena possibilidade de mudança se tudo proceder normalmente”, enquanto o primeiro “é uma predição não controlável baseada na informação atual a respeito do clima”. (LIN, 2012, p. 675). Dessa forma, o uso de *huì* parece adicionar um componente de incerteza ao evento.

- (12) Wǒ xiàwǔ bú **(huì)** zài bàngōngshì.
Eu à tarde não **huì** em escritório
“Eu não estarei no meu escritório.”

Dessa forma, pode-se concluir que não há evidências da existência de expressões gramaticalizadas que ocorram de modo sistemático em todas as sentenças com referência ao tempo futuro. Portanto não é possível distingui-las dos contextos de não futuro no chinês. (LIN, 2012, p. 677).

Além de caracterizar como ocorre a referência temporal no chinês, explicitando que nenhuma referenciação ocorre por meio de marcas de *tense*, Lin (2012, seção 4) apresenta também quatro propriedades sintáticas associadas à ausência de *tense* na língua, são elas: i) a existência de predicados de nominais (NP) nus; ii) a ausência de sujeitos expletivos; iii) a ausência de distinção entre finito e infinito; e iv) a ausência de movimento motivado por caso.

No que diz respeito à existência de NPs nus, “predicados nominais e adjetivais podem servir como o predicado principal da sentença sem cópula” (LIN, 2012, p. 677), conforme os exemplos a seguir:

- (13) Jīntiān xīngqítīān (LIN, 2012, p. 678)
Hoje domingo
“Hoje é domingo.”

- (14) Tā dà bízǐ
Ele grande nariz
“Ele tem o nariz grande.”

As traduções dos exemplos (13) e (14) já nos revelam que o português brasileiro é diferente em relação a essa propriedade, pois foram necessários os verbos “é” e “tem” para que as sentenças fizessem sentido em nossa língua. Para justificar essa distinção, Lin (2012, p. 678) aponta que, em uma língua de *tense*, a morfologia referente a essa categoria precisa ser checada por um verbo, desse modo, o verbo “ser”, que é semanticamente vazio, ocupa essa posição. Como o chinês não apresenta a categoria *Tense*, não há nada para ser checado, justificando a ausência de cópula na língua e, portanto, a existência de NPs nus.

A segunda propriedade é uma oposição em relação às línguas de *tense*, que, normalmente, apresentam sujeito expletivo. Segundo Roberts e Roussou (2002), citados por Lin (2012, p. 679), o seguinte princípio pode ser postulado para o requerimento de sujeitos:

(15) O núcleo contendo T deve ter seu especificador preenchido.

Dessa forma, Lin (2012, p. 679) compara o chinês ao inglês. Como T é preenchido no inglês, uma língua de *tense*, seu especificador precisa, também, ser preenchido, sendo os expletivos ocupantes dessa posição na ausência de outros sujeitos para a sentença (16). Em oposição a essa situação, línguas sem-*tense* não apresentam T, logo não há o requerimento de sujeito para satisfazer o princípio (15), conforme observado no chinês (17).

(16) **It** is raining. (LIN, 2012, p. 678)
 EXPL ser.PRES chover.PROG.
 “Está chovendo.”

- (17) Xià yu le.
Cair chuva agora.
“Está chovendo agora.” Lit: “Cai chuva agora.”

A terceira propriedade sintática apresentada por Lin (2012) diz respeito à ausência de distinção morfológica entre finito e não finito nas línguas sem-*tense*. A “finitude é frequentemente definida em termos de *Tense*. De fato, no chinês, a mesma forma verbal é utilizada em todos os contextos sintáticos e a subordinação é indicada apenas pela posição”. (LIN, 2012, p. 679).

- (18) Tā líkāi xuéxiào sān tiān le. (LIN,
2012, p. 679)
Ele sair escola três dia par.
“Faz três dias desde que ele saiu da escola.”

- (19) Tā shèfǎ líkāi xuéxiào.
Ele tentar sair escola.
“Ele tentou sair da escola.”

Em relação à quarta evidência, Lin se baseia em Pesetsky e Torrego (2001) para argumentar que “caso pode ser uma consequência direta da categoria funcional T”. (LIN, 2012, p. 679). Dessa forma, a ausência de T justificaria a ausência de movimentos motivados por caso na língua chinesa. O autor ainda justifica que movimentos de alçamento, como (20) e (21), não são motivados por caso. Na verdade, esses seriam movimentos de tópico ou foco.

(20) Kěnéng Zhāngsān bú qù le. (LIN, 2012, p. 680)

Provavelmente Zhangsan não ir PAR
“É provável que Zhangsan não vá.”

(21) Zhāngsān kěnéng bú qù le.

Zhangsan provavelmente não ir PAR
“Zhangsan provavelmente não irá.”

Fica claro, assim, que a não presença de *tense* gramaticalmente marcado nas línguas traz consequências semânticas para a interpretação de referência temporal nas sentenças, mas também traz corolários sintáticos. Isso é observado não somente para o chinês, mas também para outras línguas sem-*tense*, como o *blackfoot* e as línguas algonquinas: “Essas semelhanças interlinguísticas entre o chinês, o *blackfoot* e as línguas algonquinas apontam para o fato de que as línguas sem-*tense* tendem a compartilhar certas propriedades sintáticas que não são observadas em línguas de *tense*.” (LIN, 2012, p. 680).

Concluimos aqui esta seção de descrição das características das línguas sem-*tense*, com base na análise de Lin (2012) para o chinês.

4 A não marcação de *tense* em Libras

Com base nas características que evidenciam o estatuto do chinês como língua sem-*tense*, faremos aqui uma análise da Libras, utilizando os mesmos critérios propostos por Lin (2012), que serão retomados a seguir. Em nossa análise, apresentaremos

sentenças obtidas a partir de julgamentos de gramaticalidade dados por surdos sinalizantes de Libras.

4.1 Verbo sem morfologia de *tense* e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo

De modo semelhante ao exposto para o chinês, em Libras, os verbos não são marcados e o tempo pode ser referenciado opcionalmente por expressões temporais e advérbios de tempo. Vale lembrar a descrição de Ferreira-Brito (1995, p. 48) em que lemos que “o tempo é expresso através de locativos temporais, manifestando entre si relações espaciais”. Adicionalmente, os mesmos autores que parecem argumentar a favor de um sistema de *tense* na língua reconhecem a opcionalidade do uso de expressões temporais, como é o caso de Finau (2004) e Bertucci e Finau (2018).

Desse modo, as sentenças a seguir são possíveis em Libras, sem que as expressões temporais sejam obrigatórias:

(22) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“João estuda/está estudando/?estudou para a prova.”

(23)(ONTEM) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“Ontem João estudou para a prova.”

(24) (HOJE) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“Hoje João estuda/está estudando para a prova.”

(25) (AMANHÃ) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“Amanhã João estudará para a prova.”

Quando marcado com as expressões temporais e advérbios de tempo, a referência temporal será determinada a partir deles,

como em (23), (24) e (25). No caso de (22), a interpretação *default* é o presente, mas outras leituras temporais são possíveis, a depender da situação de fala.

Em Libras, esses advérbios temporais parecem ocupar preferencialmente a posição inicial. Conforme Lourenço e Quadros (2020, p. 142) observam, o “advérbio temporal é gramatical se colocado na posição inicial da sentença. Essa é claramente a distribuição de preferência na língua”. Os autores atestam com exemplos que a posição final também é aceita pelos falantes, contudo é uma posição pragmaticamente marcada.

(26) (ONTEM) JOÃO *(ONTEM) COMPRAR *(ONTEM) CARRO (ONTEM).
“Ontem João comprou um carro.”

É importante observarmos ainda que não parece haver distinção distribucional entre o que Finau (2004) chama de “operadores” de tempo (PASSADO) e advérbios temporais (ONTEM). Inclusive, esses elementos não podem coocorrer em uma mesma sentença (conforme (29) e (30)). Por esse motivo, chamaremos a todos esses elementos de expressões temporais e assumiremos que estas se encontram, uniformemente, em posição de adjunção a TP/IP (*Inflectional Phrase*).¹³

(27) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO.

(28) PASSADO JOÃO COMPRAR CARRO.

(29) *PASSADO ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO.

(30) *ONTEM PASSADO JOÃO COMPRAR CARRO.

¹³ Retomaremos a discussão sobre a projeção TP/IP na seção 4.7.

4.2 Passado não marcado gramaticalmente no verbo

Conforme vimos no exemplo (23), repetido a seguir como (31), expressões temporais podem ser inseridas na sentença para introduzir a leitura de passado na sentença. Contudo, a presença dessas expressões é opcional.

(31) (ONTEM) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“(Ontem) João estudou para a prova.”¹⁴

Chamaremos a atenção agora para a forma morfológica do verbo e argumentaremos que este não carrega nenhum tipo de expressão morfológica de *tense*/tempo. Para isso, comparemos as sentenças a seguir:

(32) (ONTEM) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“Ontem João estudou para a prova.”

(33) (HOJE) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“Hoje João estuda/está estudando para a prova.”

(34) (AMANHÃ) JOÃO ESTUDAR PROVA.

“Amanhã João estudará para a prova.”

Além disso, Lourenço (2018a; 2018b) analisa a estrutura morfológica dos verbos em Libras e propõe que há um *layering*¹⁵ de informações visuais na estrutura verbal. Assim, o autor argumenta que “diferentes operações morfológicas irão ter

¹⁴ Ressaltamos que, caso o advérbio de tempo “ontem” não esteja presente na sentença, a interpretação deixará de ser o passado (até então marcado pelo advérbio) e se dará conforme exposto na sentença (22): “João estuda/está estudando/?estudou para a prova”.

¹⁵ *Layering* é o mecanismo de organização linguística pelo qual múltiplas informações podem ser enviadas simultaneamente. Ele requer que a articulação de cada informação não interfira com a articulação das demais. Assim, *layering* é uma conspiração entre forma (articulação) e significado, de modo a permitir que mais de uma unidade de significado linguístico (morfema) seja eficientemente transferida simultaneamente. (WILBUR, 2003, p. 334).

como alvo diferentes nós na estrutura fonológica do verbo” (LOURENÇO, 2018b, p. 4). Na descrição do autor, contudo, não conseguimos identificar nenhum tipo de modificação na estrutura morfológica do verbo que possa ser analisada como um tipo de marcação de tense.

4.3 Futuro marcado por auxiliar

Vimos que o futuro é marcado no chinês, dentre outras estratégias, por meio da utilização de auxiliares como *huì*. No caso da Libras, é comum a utilização dos sinais FUTURO e/ou V-A-I¹⁶ em contextos semelhantes aos apresentados por Lin (2012) para o *huì*.¹⁷

(35) (FUTURO) JOÃO ESTUDAR PROVA (FUTURO).

“João estudará para a prova.”

(36) JOÃO ESTUDAR PROVA (V-A-I).

“João vai/irá estudar para a prova.”

É interessante observarmos que FUTURO e V-A-I não parecem ter o mesmo estatuto na estrutura, já que ocupam diferentes posições na sentença.¹⁸ FUTURO parece ser um advérbio de tempo, já que, conforme observado por Lourenço e Quadros (2020, p. 142), o “advérbio temporal é gramatical se colocado na posição inicial da sentença”. Além disso, conforme atestado pelos autores, a posição final também é aceita pelos falantes

¹⁶ O sinal V-A-I é grafado dessa forma, com cada letra separada por hífen, conforme convenção de representação de sinais com soletramento nas línguas sinalizadas.

¹⁷ Esses sinais também são descritos como marcadores de futuro por Silva e Lessa-de-Oliveira (2016, p. 170-171).

¹⁸ Em função disso, FUTURO e V-A-I podem coocorrer.

em contextos pragmaticamente específicos. Já V-A-I ocorre em posição final da sentença e parece trazer uma leitura de futuro próximo (LOURENÇO, 2018c, p. 13), não podendo ocorrer em nenhuma outra posição sentencial:¹⁹

(37) (*V-A-I) JOÃO (*V-A-I) ESTUDAR (*V-A-I) PROVA.

“João vai/irá estudar para a prova.”

4.4 Predicados de nominais nus

A existência de predicados de nominais nus também é uma característica presente na Libras, que apresenta nomes e adjetivos sem cópula como predicados principais de sentenças. Ao retornarmos aos exemplos (13) e (14), apresentados por Lin (2012) para o chinês, percebemos que as mesmas construções podem ser feitas para a Libras, conforme exemplos dados em (38) e (39).

(38) HOJE DOMINGO.

“Hoje é domingo.”

(39) ELE NARIZ GRANDE.

“Ele tem um nariz grande.”

A presença de nominais nus já foi observada para outras línguas de sinais, como a ASL (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006) e a HKSL (Língua de Sinais de Hong Kong) (TANG; SZE, 2009). Além da presença de nominais nus em Libras, o que mostramos com os dados acima é que esses nomes nus podem

19 A discussão sobre o estatuto de V-A-I e sua posição estrutural na sentença não é o foco deste artigo. Vale apontar, apenas, que, conforme observado por Loureço (2018c), V-A-I apresenta distribuição semelhante ao sinal AINDA-NÃO.

exercer função predicadora, sem a presença de um elemento de cópula. Dessa forma, mais uma das características apontadas por Lin (2012) para línguas sem-*tense* é encontrada em Libras.

4.5 Ausência de sujeito expletivo

Como exposto por Lin (2012), a ausência de sujeito expletivo é uma característica sintática do chinês, também presente em outras línguas sem-*tense*. A justificativa apresentada pelo autor é o fato de a língua não preencher o núcleo TP e, portanto, não possuir a obrigatoriedade de preencher, também, a posição de Spec,TP.

O mesmo exemplo apresentado para o chinês em (17) parece funcionar para a Libras, conforme (40). É possível observarmos também que, em construções de alçamento em Libras, não há a presença de nenhum elemento expletivo, conforme exemplos em (41) e (42).

(40) CHOVER AGORA.

“Está chovendo agora.”

(41) _____ PARECE JOÃO SAIR JÁ.

“Parece que João já saiu.”

(42) JOÃO PARECE _____ SAIR JÁ

“João parece que já saiu.”

4.6 Ausência de distinção morfológica entre finito e não finito

A respeito da ausência de distinção morfológica entre finito e não finito, Lin (2012) explica essa ocorrência devido à relação

intrínseca entre finitude e o preenchimento de TP, desse modo, a ausência de TP implicaria a ausência de distinções relacionadas à finitude.

Apesar de a análise de Sandler e Lillo-Martin (2006) para a ASL considerar essa língua como sendo de *tense*, as autoras reconhecem que não há nenhuma marcação evidente no verbo que diferencie as orações subordinadas infinitivas das flexionadas. Mesmo não apresentando marcação de finitude, elas afirmam que “verbos como TENTAR e QUERER se comportam como tendo complementos não finitos”. (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006, p. 317).

Em Libras, sentenças como (43), (44) e (45) apresentam a mesma estrutura morfológica para o verbo VIAJAR, apesar de, aparentemente, expressarem diferentes noções em relação à finitude.

(43) IX₁ VIAJAR RIO-DE-JANEIRO. (LOURENÇO;
QUADROS, 2020, p. 140)

Eu **viajar** Rio de Janeiro
“Eu viajei para o Rio de Janeiro.”

(44) IX₁ WANT [TRAVEL RIO-DE-JANEIRO].

Eu querer **viajar** Rio de Janeiro
“Eu quero viajar para o Rio.”

(45) IX₁ WANT [IX₂ TRAVEL RIO-DE-JANEIRO].

Eu querer você **viajar** Rio de Janeiro
“Eu quero que você viaje para o Rio.”

O exemplo (43) apresenta um verbo não marcado que é interpretado como passado, sem, contudo, haver marcas relativas

a *tense*. Já a presença do verbo de controle QUERER, em (44) e (45), pode indicar diferenças na finitude de seus complementos oracionais. É possível assumirmos que (44) possui um complemento oracional não finito, já que o sujeito da oração raiz controla a categoria nula da oração encaixada. Já (45) pode ser um exemplo de complemento oracional finito. Vale observar que a ausência de morfologia que indique (não) finitude dificulta nossa análise dessas construções — o que é justamente o ponto que queremos evidenciar aqui. Línguas sem-*tense* não possuem distinção morfológica entre finito e não finito.

4.7 Ausência de movimento motivado por Caso

Lin (2012) aponta que a ausência de *tense* em chinês implicaria, também, a ausência de movimento motivado por Caso na língua. Essa característica também parece estar presente na Libras.

Lourenço (2014), seguindo Pesetsky e Torrego (2001) e Miyagawa (2007; 2010), argumenta que, em Libras, o movimento do sujeito para a posição de Spec,TP é motivado por concordância e não por Caso. Assim, o autor propõe uma derivação sintática em que todos os argumentos recebem Caso estrutural (ou inerente) *in situ* e são os traços de concordância que engatilham movimento dos argumentos para projeções mais altas.

É interessante observarmos ainda que, de acordo com a análise de Lourenço (2014), o núcleo T^o em Libras não é preenchido, o que está consoante à análise de Lin para o chinês. Em Libras, não há movimento do verbo para o núcleo de T, de modo que a morfologia de concordância com o sujeito deve ser

pronunciada junto ao verbo em sua posição baixa, resultando no clássico fenômeno de *affix hopping*. (LOURENÇO, 2014, p. 114).

Por fim, é importante apenas discutirmos brevemente sobre a presença da projeção TP em uma língua sem-*tense*, conforme estamos propondo em nossa análise para a Libras. Apesar de, tradicionalmente, línguas como o chinês serem analisadas como línguas sem concordância, Myiagawa (2010) argumenta que o chinês, de fato, apresenta o fenômeno de concordância pessoal. Na seção 2.7 de seu livro, Myiagawa (2010) mostra que o chinês possui um robusto sistema de concordância pessoal, porém, semelhantemente ao que argumentamos (e também Lourenço (2014)) para a Libras, a categoria T nessa língua não é preenchida. Por esse motivo, continuaremos assumindo a presença de uma projeção TP para a Libras, apesar de argumentarmos que essa língua é uma língua sem-*tense*.

4.8 Interpretação de referência temporal baseada em aspecto

Ao descrever o estabelecimento da referência temporal de passado no chinês, Lin (2012, p. 673) apresenta exemplos envolvendo diferentes estratégias indicadoras de passado: i) o aspecto inerente do próprio verbo; ii) o uso de expressões temporais ou advérbios de tempo; iii) morfemas indicadores de aspecto.

O estudo das relações temporais com base no aspecto é comum em pesquisas linguísticas, pois as informações aspectuais da construção interagem com a interpretação da

referência temporal codificada pelo *tense* verbal.²⁰ Isso fica claro nos exemplos do chinês em que sentenças com verbos de *achievement* e *accomplishment* são interpretadas, por *default*, no passado, conforme mostramos no exemplo (7).

Argumentamos que o mesmo fenômeno é observado em Libras, de modo que orações não marcadas para referência temporal com verbos de atividade terão interpretação *default* no presente. Por outro lado, orações não marcadas para tempo, com verbos de *accomplishment* e *achievement*, terão interpretação *default* de passado.

(46) IX₁ ESTUDAR MATEMÁTICA. (FIGUEIREDO,
2020, p. 108)
eu estudar matemática.
“Eu estudo matemática.” (Interpretação *default*: presente)

(47) IX₁ PERDER CHAVE.
eu perder chave.
“Eu perdi a chave.” (Interpretação *default*: passado).

Figueiredo (2020) analisou a interação entre aspecto e interpretação de referência temporal em Libras por meio de dois testes, que foram realizados na tentativa de compreender melhor como o surdo estabelece referência temporal de sentenças nessa língua: um julgamento de compreensão de sentenças sinalizadas e um estudo piloto utilizando rastreamento ocular. Os resultados da autora confirmam que há uma relação entre a telicidade do verbo e a interpretação de referência temporal de sentenças não

²⁰ Ver a noção de aspecto incremental de Filip (2012).

marcadas com expressões temporais em Libras. Em sentenças não marcadas por advérbios de tempo e expressões temporais, há uma interpretação temporal *default* de presente. Porém, se a sentença exprimir um predicado télico, a interpretação temporal de passado passa a ser considerada. Esse comportamento é similar ao descrito por Lin (2012) para o chinês.

Destarte, considerando-se as características e os testes propostos por Lin (2012) para se identificar uma língua sem-*tense*, é possível evidenciarmos que a Libras comporta-se de modo bastante semelhante ao chinês e, por isso, argumentamos que não há marcação de *tense* na gramática da Libras.

Considerações finais

Neste artigo, argumentamos que a Libras não apresenta marcação gramatical de *tense*, sendo, portanto, uma língua sem-*tense*. O que constatamos foi que a Libras emprega outros mecanismos para expressar referência temporal, como, por exemplo, o uso de linha do tempo e o uso de expressões temporais e advérbios de tempo. Contudo, argumentamos que estes não são efetivamente marcadores morfológicos de *tense*. Valendo-nos das propriedades sintáticas associadas à ausência de *tense*, evidenciadas por Lin (2012), apresentamos testes que nos permitem analisar a Libras de maneira semelhante ao chinês, *blackfoot*, línguas algoquinas e outras línguas sem-*tense*. Esperamos, assim, contribuir com uma melhor descrição da Libras, assim como com a discussão sobre a marcação de *tense* nas línguas de sinais.

Referências

- AARONS, Debra *et al.* Lexical tense markers in American Sign Language. *In: EMMOREY, Karen; REILLY, Judy (org.). Language, gesture and space.* New York: Psychology Press, 1995. p. 225-253.
- ARIK, Engin. Space, time, and iconicity in Turkish Sign Language (TID). *Trames*, v. 16, n. 4, p. 345-358, 2012.
- BERGMAN, Brita; DAHL, Östen. Ideophones in Sign Language? The place of reduplication in the tense-aspect system of Swedish Sign Language. *In: BACHE, C.; BASBØLL, H.; LINDBERG, C. (org.). Tense, aspect and action: empirical and theoretical contributions to language typology.* Berlin: Mouton de Gruyter, 1994. p. 397-422.
- BERTUCCI, Roberlei Alves; FINAU, Rossana Aparecida. Uma descrição inicial do presente perfeito na Libras. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 1, p. 71-89, 2018.
- COMRIE, Bernard. *Tense.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DIKYUVA, Hasan; MAKAROĞLU, Bahtiyar; ARIK, Engin. *Türk İşaret Dili Dilbilgisi Kitabı.* Ankara: İmpedus Medya Prodüksiyon Ltd. Şti., 2015.
- DU FEU, V. *Rapanui.* London: Routledge, 1996.
- FELIPE, T. A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras). 1998. 298f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de Língua de Sinais.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIGUEIREDO, Lorena. *A (não) marcação de tense em Língua Brasileira de Sinais.* 160f. Dissertação (Mestrado

em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

FILIP, H. Lexical aspect. *In*: BINNICK, R. (ed.). **The Oxford handbook of tense and aspect**. New York: Oxford University Press, 2012

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na LIBRAS**. 2004. 238f. Tese. (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FRIDMAN-MINTZ, B. **Tense and Aspect Inflections in Mexican Sign Language Verbs**. 2005. 346p. Thesis. (Doctor's Degree of Philosophy in Linguistics) - Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington D.C., 2005.

FRIEDMAN, Lynn A. Space, time, and person reference in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 4, p. 940-961, 1975.

FRISHBERG, Nancy; GOUGH, Bonnie. Morphology in American Sign Language. **Sign Language & Linguistics Sign Language and Linguistics**, v. 3, n. 1, p. 103-131, 1973.

GÖKGÖZ, K. **Topics in Turkish Sign Language (TİD) Syntax: Verb Movement, Negation and Clausal Architecture**. 2009. 94p. MA Theseis (Master's Degree of Arts in Linguistics) - Institute for Graduate Studies in the Social Sciences, Boğaziçi University, İstanbul, 2009.

GROSE, D. **The perfect tenses in American Sign Language: non-manually marked compound tenses**. 2003. 92p. MA Thesis. (Master's Degree of Arts) - Purdue University, West Lafayette, 2003.

HEWSON, John. Tense. *In*: BINNICK, Robert I. (org.). **The Oxford handbook of tense and aspect**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 507-535.

JACOBOWITZ, Lynn; STOKOE, William. Signs of tense in

ASL verbs. **Sign Language Studies**, v. 60, p. 331-340, 1988.

JESPERSEN, Otto. **Essentials of English grammar**. London: Allen and Unwin, 1933.

KARABÜKLÜ, S. **Time and aspect in Turkish Sign Language (TİD): manual and nonmanual realizations of “finish”**. 2016. 169p. MA Theseis (Master's Degree of Arts in Linguistics) - Institute for Graduate Studies in the Social Sciences, Boğaziçi University, İstanbul, 2016.

KARABÜKLÜ, Serpil. Strategies to express time in a tenseless language: Turkish Sign Language (TİD). **Dilbilim Araştırmaları Dergisi**, p. 87-118, July 2018.

LEACH, M. B. **Things Hold Together: Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimagonde**. Utrecht: Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap (LOT), 2010.

LEESON, L. M. **The Expression of Time in Sign Languages with Special Reference to Irish Sign Language**. 1996. 130p. MA Thesis (Master's Degree of Philosophy in Linguistics) - University of Dublin, Dublin, 1996.

LIN, J. W. Tenselessness. *In*: BINNICK, R. (ed.). **The Oxford handbook of tense and aspect**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 669-695.

LOURENÇO, G. **Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta minimalista**. 2014. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LOURENÇO, G. **Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics**. 320f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018a.

LOURENÇO, G. **Layering de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras**. In: Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras, 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina: 2018b.

LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfosintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução Em Revista**, v. 1, n. 24, p. 1-22, 2018c.

LOURENÇO, Guilherme; QUADROS, Ronice Müller. The syntactic structure of the clause in Brazilian Sign Language. In: QUADROS, Ronice Müller (org.). **Brazilian Sign Language studies**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2020.

MATTHEWSON, Lisa. Temporal semantics in a superficially tenseless language. **Linguistics and Philosophy**, v. 29, n. 6, p. 673-713, 2006.

MEIR, Irit. A perfect marker in Israeli Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v. 2, n. 1, p. 43-62, 1999.

MIYAGAWA, Shigeru. Unifying agreement and agreementless languages. In: KELEPIR, Meltem; ÖZTÜRK, Balkiz (org.). **Working papers in linguistics 54**: proceedings of the workshop on Altaic Formal Linguistics II. Cambridge: MITWPL, 2007. p. 47-66.

MIYAGAWA, Shigeru. **Why agree? Why move**: unifying agreement-based and discourse-configurational languages. Cambridge: MIT Press, 2010.

NEIDLE, Carol *et al.* **The syntax of American Sign Language**: functional categories and hierarchical structure language, speech, and communication. Cambridge: MIT Press, 2000.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. T-to-C movement: causes and consequences. In: KENSTOWICZ, Michael (org.). **Ken Hale**: a life in a language. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 355-426.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. Tense, aspect, and modality. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (ed.). **Sign Language: an international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 186-203.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Ana. The extended projection principle as a condition on the tense-dependency. *In*: SVENONIUS, Peter (org.). **Subjects, expletives, and the EPP**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 125-155.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign language and linguistic universals**. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

SILVA, Ione Barbosa de Oliveira; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Propriedades funcionais verbais na língua brasileira de sinais. **Linguística**, v. 12, n. 2, p. 161-182, 2016.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. **The linguistics of British Sign Language: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TANG, G.; SZE, F. Nominal expressions in Hong Kong Sign Language: Does modality make a difference? *In*: MEIER, R., CORMIER K., & QUINTO-POZOS, D. (ed.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 296-320.

VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012.

WILBUR, Ronnie B. Modality and the structure of language: sign languages *versus* signed systems. *In*: MARSCHARK, Marc; SPENCER, Patricia E. (org.). **Oxford handbook of deaf studies, language, and education**. New York: Oxford University Press, 2003. p. 332-346.

ZESHAN, U. Aspect of Türk İşaret Dili (Turkish Sign Language). **Sign Language and Linguistics**, v. 6, n. 1, p. 43-75, 2003.

Analisando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua sem-*tense*

ZUCCHI, Sandro. Along the time line: tense and time adverbs in Italian Sign Language. **Natural Language Semantics**, v. 17, n. 2, p. 99-139, 2009.